O padecimento da Rosa | Kaike Marcondes Beckert

Ainda no inverno curitibano, daqueles que cortam os olhos, permaneci ao lado de Rosa. Ela continuava sendo minha companheira, ao menos por inércia. Amávamos o inverno, a estação que deixava a cidade mais bonita, que demonstrava com avidez a sua esfera mais intrínseca de ser. Rosa e eu começamos a nos encontrar no outono, tempo seco e de transição; mas nossa história como companheiros – no sentido próprio da palavra – floresceu na primavera. Lembro-me do pedido de namoro: corri para a casa de Rosa e, com um grande buquê de rosas encontrei-a. Foi um momento mágico; como se os ponteiros não corressem, permanecendo inacabável. Como se estivéssemos na melhor das estações, preenchidos por um período bom. Aquelas rosas eram de um vermelho intenso, do mais vibrante vermelho carmesim, que me faziam desprender da realidade, deixando-me vago no tempo.

Passavam-se os dias, encontrava Rosa, conversávamos e mantínhamos o cuidado e o zelo com as flores, regando-as e velando por elas. Contudo, não desalinhava o pensamento acerca de nós: quanto tempo permaneceríamos juntos? Acreditava que, assim como a própria percepção do tempo, iríamos permanecer da mesma forma, tal como outrora se formara. Percebi que os dias começaram a esfriar antes do inverno. Cada vez mais, a ardência silenciosa do frio infiltrava nos vãos e nos cômodos. Tornava-se difícil encontrar-me com Rosa; parecia haver uma limitação – tal como um bloqueio métrico – entre nós. As conversas, uma vez tão empolgantes e repletas de “tempo”, agora figuravam sazonais, meramente protocolares. Ainda assim, em nossos eventuais

encontros – nas vezes em que ia à sua casa –, dentre intervalos inicialmente curtos, prestava atenção às rosas. Estavam descolorindo, como se estivessem se resguardando de algo, como se reservassem forças para resistir ao inverno. Perguntava-me a razão daquela discrepância do "tempo", qual seria a origem dos seus efeitos? Seria o próprio tempo? Seria Curitiba? Seria a Rosa? Seria eu?

Dessa forma arrastou-se o relógio, completando seu ciclo natural, inerente ao exterior e persistente em seu ofício, divergente do que nos é intrínseco. Assim são as flores; sensíveis ao toque e ao tempo. Exigem cuidado, talvez um tipo de desvelo específico. Cuidado esse que somente um jardineiro pode fornecer. Mas, atento a pensar, pois não me refiro ao jardineiro pela eficiência de seu labor, mas pela compreensão de como fazê-lo. Agora, é tempo bom, pelo menos em comparação ao tempo que já foi. O inverno curitibano permanecerá, e nós também. Podemos até não ser mais os mesmos que outrora éramos. Não posso dizer sobre a resistência das rosas; não sei dizer se continuarão a pulsar. Não sei se eu espero ou atuo. No fim, talvez, eu esteja aguardando o tempo passar, esperando pela próxima estação.